

O FOLHETIM E A RECEPÇÃO CRÍTICA: O CASO DE *A MORTALHA DE ALZIRA* DE ALUÍSIO AZEVEDO

Sabrina Baltor de Oliveira (UERJ)¹

Resumo: *A Mortalha de Alzira* é um romance publicado primeiramente em folhetim no jornal *Gazeta de Notícias*, de 13 de fevereiro a 24 de março de 1891. Aluísio Azevedo assumiu a autoria deste romance apenas no prefácio da primeira edição da obra em volume pela editora Fauchon & Cie, em 1893. Em diversos textos, cartas e, inclusive, no meio de publicações literárias, Aluísio costuma queixar-se da disparidade entre o gosto do público leitor brasileiro do século XIX e o da crítica literária. Denuncia a posição difícil do escritor que procura uma forma quase impossível de agradar a gregos e troianos, ou seja, ao leitor e ao crítico. Buscamos, neste artigo, acompanhar a recepção crítica do romance *A Mortalha de Alzira*, em 1891 e 1892.

Palavras-chave: Folhetim; Recepção Crítica; Aluísio Azevedo; *Mortalha de Alzira*

A Mortalha de Alzira é um romance publicado primeiramente em folhetim no jornal *Gazeta de Notícias*, de 13 de fevereiro a 24 de março de 1891. Na publicação periódica, a obra era assinada por Victor Leal, pseudônimo usado não só por Aluísio Azevedo, mas por outros escritores como Olavo Bilac, Pardal Mallet, Coelho Neto, para publicar romances mais ao gosto popular.

Antes de *A Mortalha de Alzira*, o autor fictício Victor Leal já estreara, na mesma *Gazeta de Notícias*, um ano antes, em 1890. É possível dizer que estreou com pompa e circunstância, uma vez que sua caricatura aparece dois dias antes da publicação do primeiro capítulo de *O Esqueleto*. Considero que a publicação da caricatura do escritor tenha sido uma estratégia do jornal e dos autores para atizar a curiosidade do leitor brasileiro a respeito do novo autor e do novo romance que seria publicado. Reproduzo abaixo a caricatura de Victor Leal publicado na *Gazeta de Notícias* do dia 15 de março de 1890.

A caricatura era acompanhada de um pequeno texto informal de apresentação do escritor. Anos mais tarde, Olavo Bilac, em artigo sobre a primeira edição em volume de *A Mortalha de Alzira*, na *Gazeta de Notícias*, de 17 de outubro de 1893, relembra a caricatura publicada no mesmo periódico, descrevendo-a com as características dos quatro autores que utilizaram por diversas vezes o famoso pseudônimo.

Bastaria, no entanto, olhar com atenção o retrato de Victor Leal, para descobrir o segredo agora desvendado por Aluísio Azevedo no prefácio da *Mortalha de Alzira*. Havia com efeito nesse retrato os olhos adoráveis de Aluísio Azevedo (os mais belos olhos de homem que conheço, leitora!) a vivacidade felina da fisionomia de Coelho Neto, a pose à d'Artagnan de Pardal Mallet, e o nariz titânico,

1 Sabrina Baltor de Oliveira é professora adjunto da UERJ. E-mail: sabrinabaltor@gmail.com

descomunal, de quem está agora escrevendo estas coisas. Éramos nós – o romântico Victor Leal. Pardal Mallet e este mesmo cronista livre tinham escrito *O Esqueleto*. Os dois, aliados a Coelho Neto e Aluísio, haviam fabricado o *Paula Mattos*. E Aluísio, desta vez desacompanhado, tomara a si a tarefa de sustentar os créditos do nome de Victor Leal, escrevendo a *Mortalha*. (BILAC, 1893, p.1)

Todos os romances citados por Bilac e escritos com o pseudônimo de Victor Leal foram publicados na *Gazeta de Notícias*. *O Esqueleto (Mistérios da Casa de Bragança)* foi o primeiro a vir à luz em 17 de março de 1890 e seu último capítulo foi lançado em 31 de março do mesmo ano. O segundo romance de Victor Leal é justamente *A Mortalha de Alzira* publicado nas páginas do jornal um ano depois, seguido de *Paula Mattos ou O Monte de Socorro*, cuja primeira publicação data de 30 de Julho de 1891 e a última de 14 de agosto de 1891. É interessante destacar que são publicados três romances com o mesmo pseudônimo em menos de um ano e meio. Menos conhecida e estudada, mas que vale a menção, é a última narrativa publicada com este pseudônimo: *A Pandilha (Romance de costumes Rio-grandenses)*, que é a única a aparecer em outro periódico, *O Correio da Tarde*, de 23 de outubro de 1893 a 23 de novembro do mesmo ano. Desta vez, seria Pardal Mallet o responsável por sua criação.

Ainda sobre o romance de estreia de Victor Leal, *O Esqueleto (Mistérios da casa de Bragança)*, vale destacar que foi republicado no formato folhetim logo no mês seguinte no jornal *Pacotilha*, no Maranhão, mais precisamente de 25 de abril a primeiro de junho de 1890. *O Esqueleto* não foi um caso único. *A Mortalha de Alzira* também foi republicada nas páginas deste jornal maranhense já com o nome de seu verdadeiro autor, entre 22 de julho de 1896 a 10 de outubro do mesmo ano, o que pode ser um indício precioso e revelador do sucesso deste romance, uma vez que em 1896, além do lançamento do folhetim pela *Gazeta de Notícias*, esta narrativa já possuía duas edições em formato livro, uma de 1893, outra de 1895. Durante a publicação periódica na *Pacotilha*, a livraria Ramos faz anúncios exclusivos de venda do romance não só neste jornal, como também no *Diário do Maranhão*.

Vale lembrar que o próprio Aluísio Azevedo ajudou a fundar *Pacotilha*, a primeira folha diária do estado do Maranhão, em 1880. (Cf. FERREIRA JÚNIOR, 2007, p.5) Lá escreveu vários textos de crítica à sociedade maranhense, sobretudo artigos anticlericais com os pseudônimos de Giroflê e Semicúpio dos Lampiões. Não seria equivocado supor que a republicação dos dois romances de Victor Leal em formato folhetim em *Pacotilha*

tenha sido sugerida por Aluísio.

Em 9 de abril de 1890, segundo noticiado pelo *Correio do Povo* e republicado pela própria *Gazeta de Notícias*, o romance *O Esqueleto* já tinha uma edição em volume que se esgotava rapidamente, sendo um indício de que o autor e a narrativa teriam conquistado certa popularidade.

Do *Correio do Povo*:

“Até que afinal:

Já se acha exposto à venda o famoso *Esqueleto (mistérios da casa de Bragança)* de Victor Leal, ilustração do Hastoy.

Até ontem às 3 horas achava-se esgotada quase a metade da primeira edição, e é muito provável que hoje antes do meio-dia seja necessário recorrer ao segundo milhar.

É o livro do momento.”

Podemos acrescentar que até as 11:50 minutos da manhã estavam vendidos cerca de dois mil e poucos exemplares. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 9 de abril de 1890, p. 1)

A pesquisa realizada a respeito do surgimento do pseudônimo de Victor Leal, da aparição de seu romance de estreia e do possível sucesso obtido pela publicação, uma vez que é relançado no jornal maranhense *Pacotilha*, no mesmo ano, e sua edição em volume parece ter se esgotado rapidamente, é importante para entendermos o contexto de lançamento de *A Mortalha de Alzira*. Um dos objetivos de nosso estudo é ressuscitar, detalhar e analisar todo o espaço associado deste romance azevediano, de modo a elucidar a sua gênese e a sua recepção (Cf. MAINGUENEAU, 2006, pp.143-147).

Aluísio, em 1891, toma para si o pseudônimo utilizado com relativo sucesso por Olavo Bilac e Pardal Mallet para publicar um romance encomendado pelos editores da *Gazeta de Notícias*, que desejavam, como ficamos sabendo no prefácio da primeira edição em volume pelo próprio Aluísio, um romance fantasioso que agradasse o público, mas que igualmente possuísse qualidade literária:

A *Gazeta de Notícias* precisava de um romance e encomendou-me, determinando logo, já se vê, o caráter literário que ele devia ter. Não fazia questão de mais ou menos enredo, contanto que a obra, longe de ser naturalista, fosse bem romântica e bem fantasiosa; obra enfim que pudesse convir ao paladar da grande massa de leitores sentimentais de que na maior parte se alimenta aquela folha, mas que ao mesmo tempo não caísse no completo desagrado daqueles que não admitem obra sem arte e arte sem verdade. (AZEVEDO, 1893, p.XIII-XIV)
(AZEVEDO, 1893, p.XIII-XIV)

O expediente de adotar um pseudônimo já indicava a consciência por parte de Aluísio Azevedo de que a obra poderia ser mal recebida pela crítica literária. O autor

naturalista serve-se do nome de Victor Leal como um verdadeiro escudo para manter sua própria imagem literária, construída a duras penas, ilibada e, ao mesmo tempo, utiliza-o como chamariz para os leitores de *O Esqueleto*.

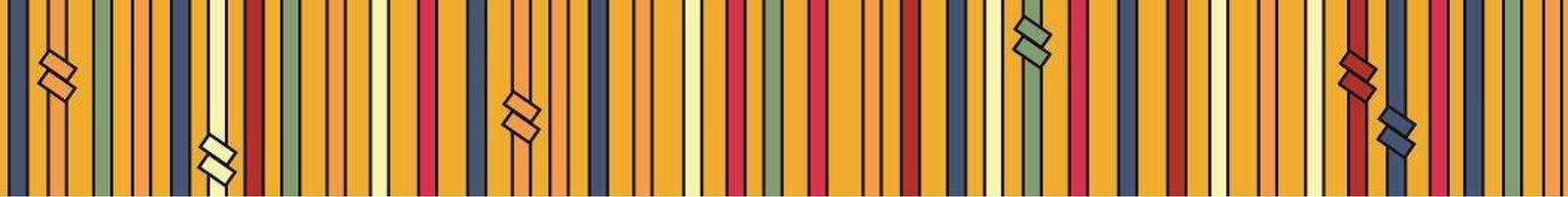
À época da publicação de *O Esqueleto*, a caricatura publicada do autor e o próprio romance indicavam o nascimento de um verdadeiro dândi irreverente, como nos confirma Olavo Bilac três anos depois em sua análise de *A Mortalha de Alzira*:

Victor Leal... lembram-se as leitoras do seu retrato, estampado na *Gazeta de Notícias*, quando este mesmo jornal encetou a publicação de seu romance de estreia, *O Esqueleto*? Nesse retrato, gravado por Hastoy, Victor Leal aparecia como um mocinho esbelto, de bigodinhos encalamistrados, chapéu desabado à Van Dick, cabeleira à 1830, e um grande ar de supremo desaforo e de insolência suprema na face e no modo de vestir. O primeiro capítulo do romance deixou no ânimo dos leitores a mesma impressão deixada pelo retrato. O estilo do escritor era como sua fisionomia: um estilo ultrarromântico, trajando gibão de veludo azul e botas de couro de Cordova, e mão tão pronta a fazer vibrar o alaúde em louvor da primeira dama, como a sacar da espada em castigo do primeiro insolente. (BILAC, 1893, p.1)

A imagem literária de Victor Leal, em 1891, é ainda mais desenvolvida por Aluísio Azevedo. Se, na publicação de *O Esqueleto*, ele surge como um irreverente dândi, destacando sua imagem física através da caricatura; em 1891, dois dias antes da estreia de *Alzira*, em 11 de fevereiro, Aluísio recheia a imagem do novo autor com firmes convicções literárias, curiosamente opostas às que Azevedo defendera até aquela data. Lê-se no artigo, um novo autor, defensor do Romantismo e do idealismo. Um verdadeiro duplo, um rival literário que ataca o Naturalismo. É possível afirmar que o autor de *O Cortiço* se divertia ao criar para si mesmo um inimigo literário, atendendo à solicitação da *Gazeta de Notícias*. No prefácio da primeira edição em volume, Aluísio confessa essa aventura de fabricar para si mesmo um adversário à altura:

Ora, eu, que precisava repousar um pouco o espírito num romance de fantasia, e que, de muito tempo a essa parte, sentia falta de um adversário literário, cujas obras, francamente românticas, servissem de ativa e fogaosa oposição aos meus tranquilos, pacientes e causativos estudos do natural, obtidos a frio esforço da observação e análise, lembrei-me de fazer guerra a mim mesmo e aceitei a proposta de *Gazeta de Notícias*, com a condição única de substituir meu nome pelo pseudônimo de Victor Leal. (AZEVEDO, 1893, p. XIV)

Ao ler o artigo belicoso, entusiasmado, que Victor Leal escreve para apresentar *A Mortalha de Alzira*, é difícil não pensar em um manifesto literário, em que Aluísio, certamente se divertindo, antecipa as críticas que o romance receberá, por seu



Romantismo e fantasia exagerados:

Sei que essa obra será julgada talvez um pouco severamente por aqueles que supõem banidos do gosto público o sentimento e a verdadeira poesia. Ah, mas eu bem pouco me incomodo com tais censores e irei sempre caminhando para diante, malgrado os emperrados naturalistas, que pretendem anular a única e sincera comoção que existe no mundo artístico – a comoção romântica. (LEAL, 1891, p. 1)

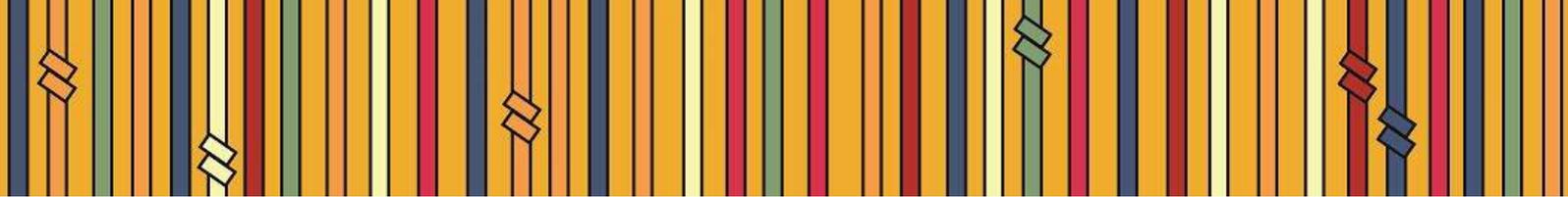
Por outro lado, abre espaço para os argumentos muitas vezes utilizados contra a sua obra naturalista, defendendo que a descrição da realidade mais sórdida não edifica a população, pelo contrário, a corrompe.

O romance, quando digno desse nome, deve desenrolar defronte dos nossos olhos sublimes quadros e edificantes exemplos de moral e de honra, e não cenas banais e ridículas da vida de todo o dia, da vida terra a terra, que nenhum interesse pode despertar em quem quer que seja, como também nenhum ensinamento pode trazer aqueles que leem com o louvável fim de se instruir, formando e desenvolvendo conjuntamente o seu caráter. (LEAL, 1891, p.1)

Talvez a frase mais curiosa e bombástica deste verdadeiro manifesto literário de Victor Leal seja sua conclusão a respeito da eficácia do movimento naturalista no Brasil: “O naturalismo, clamem quanto quiser, não nos convém, nem nunca nos convirá.” (LEAL, 1891, p.1) Aluísio também não abre mão de completar a imagem física e psicológica de Victor Leal, que já se esboçara na caricatura, no pequeno texto descritivo sobre o autor e pela impressão deixada por sua narrativa de estreia *O Esqueleto* na alma do leitor. Retrata-o como um jovem e impetuoso escritor idealista que não passa dos vinte anos de idade, enquanto o próprio Aluísio, em 1891, já contava com as suas trinta e quatro primaveras.

Sei que sou muito moço; conservo ainda intactas todas as fibras do meu sentimentalismo; ainda tenho ilusões e ainda tenho crenças. Para mim a virtude ainda é uma coisa sagrada; o amor um ideal; a arte um supremo bem, que só se pode atingir sacrificando-lhe tudo, tudo, que no mundo representa os prazeres materiais da vida. E juro que serei sempre assim, mesmo quando já não tiver vinte anos. (LEAL, 1891, p.1)

É muito provável que Aluísio Azevedo não esperasse o sucesso e a popularidade que, na realidade, *A Mortalha de Alzira* alcançou. Nos anos que separei para o estudo desta primeira recepção à publicação folhetim e às duas primeiras edições em volume, muitas foram as referências ao romance em periódicos não só da então capital federal,



Rio de Janeiro, mas de diversas partes do país. As notas em jornais e revistas diziam respeito, em sua maioria, ao sucesso de público obtido pelo romance.

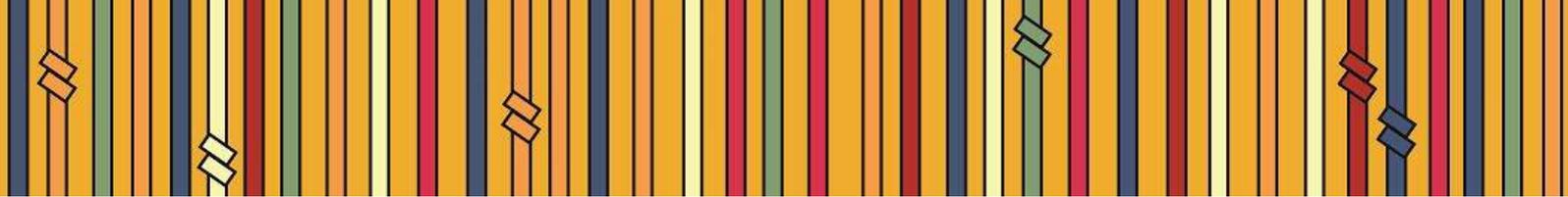
Vale lembrar que a *Gazeta de Notícias*, periódico que publicou três dos quatro romances de Victor Leal, era um dos mais respeitados e populares da época. Sua circulação era nacional. Fundado em 1875, foi o primeiro a baratear o custo de vendagem e a fazer verdadeira concorrência ao único jornal consolidado em território nacional: o *Jornal do Comércio*. (Cf. ASPERTI, 2006, p. 47). Enquanto todos os outros periódicos da época eram vendidos, exclusivamente, através de assinatura trimestral, semestral ou anual, a *Gazeta de Notícias* foi o primeiro a vender avulso através dos garotos-jornaleiros, o que aumentou expressivamente sua tiragem e lhe rendeu ainda mais a fama de periódico ao alcance das massas.

Embora o fenômeno do folhetim tenha atingido todos os periódicos da metade final do século XIX no Brasil, a *Gazeta* foi além em sua relação particular com a literatura, desde o começo, na sua edição de estreia de 2 de agosto de 1875, se apresentou como ligado às artes e à literatura:

Além de um folhetim romance, a *Gazeta de Notícias* todos os dias dará um folhetim de atualidade.
Artes, literatura, teatros, modas, acontecimentos notáveis, de tudo a *Gazeta de Notícias* se propõe trazer ao corrente os seus leitores.
(GAZETA DE NOTÍCIAS, 1875, p. 1)

Curiosamente também foi um espaço privilegiado de interseção entre o campo jornalístico e o campo literário, divulgando não somente a literatura estrangeira, sobretudo francesa, quanto a nacional, com seus grandes representantes: Olavo Bilac, Machado de Assis, Coelho Neto, Aluísio Azevedo, Pardal Mallet, dentre tantos outros. Ocorria na *Gazeta* um duplo processo de legitimação: ao ofertar um espaço privilegiado para a literatura nacional, ao oferecer uma renda quase fixa para os escritores que não conseguiam se sustentar apenas com a venda dos direitos sobre suas obras, ao divulgar as produções literárias através da publicação dos romances-folhetins, o periódico igualmente se legitimava como patrono da literatura nacional e das artes, como o periódico em que o leitor encontraria, a um preço acessivo, bons textos.

Na verdade podemos chamar essa abertura orquestrada por Ferreira de Araújo de “uma troca de favores”, pois, ao passo que este consagrava os escritores dando-lhes colunas fixas ou esporádicas em suas páginas, também consolidava a *Gazeta de Notícias* como um jornal que prezava a literatura, o diferencial do moderno periódico. O apego aos



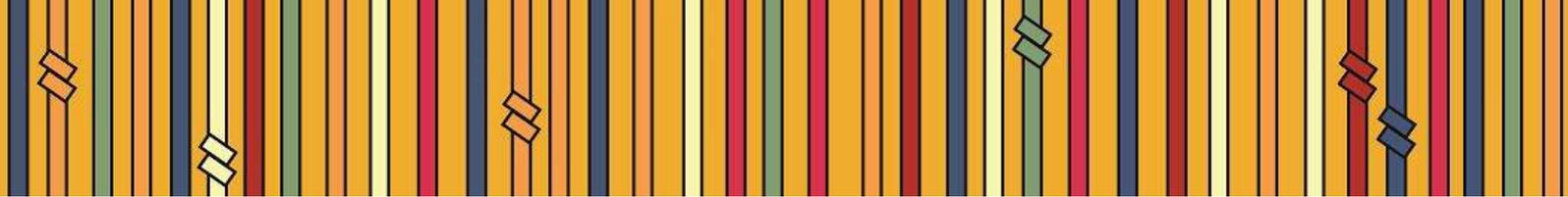
textos literários enobrecia o jornal popular, dando-lhe, ao mesmo tempo, certo *status* elevado e matéria interessante a ler para a elite burguesa letrada. Sendo assim, escolhia de modo criterioso aquele que teria o supremo privilégio de participar do grande jornal do momento. Não era aceito nas páginas da *Gazeta* nenhum estreador ou mesmo já tarimbado escritor que não tivesse excelente fama e currículo invejável. (ASPERTI, 2006, p. 48)

É preciso lembrar que embora Victor Leal se apresentasse com um jovem escritor, o principal editor e dono do jornal Ferreira Júnior sabia exatamente as cabeças ilustres que estavam por trás do pseudônimo. A publicação de *A Mortalha de Alzira* é um caso exemplar dessa relação íntima e por vezes perversa de dupla legitimação do escritor e do periódico. Aluísio necessitava da renda advinda da publicação em folhetim e a *Gazeta* necessitava de um romance que agradasse a população, mas que, ao mesmo tempo, tivesse alguma qualidade literária. Aluísio, no prefácio à primeira edição em volume do romance, admite os motivos financeiros que o levaram a aceitar a proposta do jornal: “Como veem a tarefa não era das mais fáceis. O trabalho, porém, seria bem remunerado, ficando-me ainda a propriedade do romance e o direito consequente de publicá-lo em volume” (AZEVEDO, 1893, p. XIV).

É muito provável que, para o grande desgosto de Aluísio, *A Mortalha de Alzira*, tenha sido não só seu maior sucesso no formato folhetim, como seu romance mais vendido em suas primeiras edições. Edições estas que saíram em tempo recorde. Vale lembrar que a primeira publicação em volume é de 1893, dois anos depois do lançamento em folhetim e a segunda edição já data de 1895, apenas dois anos depois, atingindo o décimo milheiro, marca absolutamente recorde para a época.

No entanto, neste artigo, tive que me restringir ao contexto de estreia em folhetim da *Mortalha de Alzira*, buscando as origens do pseudônimo de Victor Leal, sua representação através de uma caricatura e do seu manifesto literário que precedeu a publicação de *Alzira*, a recepção de seu romance *O Esqueleto*, assim como o status e o alcance do jornal em que seus dois primeiros romances foram lançados. Para concluir este primeiro estudo, analisarei os comentários e críticas que o romance recebeu nos periódicos no ano de lançamento do folhetim pela *Gazeta de Notícias*, ou seja, em 1891.

Além do artigo de Victor Leal, que anuncia a futura publicação de *A Mortalha de Alzira*, de 11 de fevereiro de 1891, o jornal *Novidades* apresenta um resumo divertido dos jornais mais representativos da época e, no dia 12 de fevereiro de 1891, nota que,



embora Victor Leal tenha anunciado o primeiro capítulo de *A Mortalha de Alzira* para este dia, nada havia sido publicado. No dia seguinte, o mesmo periódico registra o início da publicação da narrativa. No dia 14 de fevereiro, temos duas curiosidades neste mesmo periódico. O autor do resumo do que foi divulgado pela *Gazeta de Notícias* troca o nome dos autores das duas narrativas publicadas ao mesmo tempo pelo jornal: “(...) e os dois folhetins *O Fagulha* de Victor Leal e *A Mortalha de Alzira* de Boisgobey”(NOVIDADES, 1891, p.2). A troca me parece irônica e proposital, como se os dois textos se valessem. Além disso, não é Boisgobey o autor de *O Fagulha*, embora Boisgobey também fosse autor de romances-folhetins, o nome do escritor é Eugène Bonhoure. Ainda nesta mesma nota há uma observação que interessa ao nosso estudo particularmente: “Está fazendo sucesso o reverendo Ozeas” (NOVIDADES, 1891, p. 2). Ou seja, o sucesso de Oséias, personagem de *A Mortalha de Alzira*, no lançamento dos dois primeiros capítulos, já chamava a atenção e despertava a curiosidade do público.

Ainda em 14 de fevereiro, no jornal *O Brasil* aparece uma nota a respeito da publicação de *Alzira* por Victor Leal. A curta crítica destaca que o romance é “não-realista” e que se passa em Paris, no tempo de Luís XV. Por um lado, parece defendê-lo ao dizer que Flaubert igualmente publicou um romance em Cartago, “Salammbô”. Por outro lado, ironicamente aponta que: “a América se está desferrando das trapalhadas do defunto Aymard.” (O BRASIL, 1891, p. 2) Ora, Gustave Aimard era um escritor francês de romances-folhetins de aventura, que situou muitos dos seus enredos nas Américas e, inclusive, publicou um livro intitulado *O Guarani* em 1864.

Em 16 de fevereiro, em *Novidades*, novamente se registra a publicação de *A Mortalha de Alzira* sem comentários adicionais. Todavia, no dia 2 de março, neste mesmo periódico, o resumo a respeito do que estava sendo publicado na *Gazeta de Notícias* traz uma acusação de plágio: “*La Morte Amoureuse* de Théophile Gautier, traduzida sob o título de *Mortalha de Alzira*, segundo a história da França. E mais nada.” (NOVIDADES, 1891, p. 2)

Em 7 de março, no jornal *O Paiz*, Valentim Magalhães, sob o pseudônimo de Marasquino, revela a verdadeira autoria de *A Mortalha de Alzira* na sua coluna intitulada *Salada de Frutas*. O tema principal do artigo é o descaso da sociedade em relação à literatura e às artes. Assunto este que Aluísio Azevedo, ainda com o pseudônimo de Victor Leal, irá tocar algumas vezes no jornal *O Combate*, em 1892. No

deserto das letras no Brasil, Valentim Magalhães aponta uma única exceção, Aluísio Azevedo, reforçando a ideia de que o folhetim *A Mortalha de Alzira* estava realmente sendo um sucesso: “Apenas um escritor tem sabido resistir – Aluísio Azevedo, que atualmente, sob o pseudônimo de Victor Leal, está publicando na *Gazeta de Notícias* um romance *A Mortalha de Alzira*.” (MARASQUINO, 1891, p.1)

A revelação efetuada por Valentim Magalhães em *O Paiz* terá logo repercussão em outros periódicos, e não apenas no Rio de Janeiro. Logo no dia seguinte, em 8 de março, no *Diário da Manhã*, de Juiz de Fora, Minas Gerais, há uma significativa nota a respeito da verdadeira autoria da narrativa que estava sendo publicada em folhetim pela *Gazeta de Notícias*: “*A Mortalha de Alzira*, romance da *Gazeta de Notícias*, que tem feito tanto sucesso, é da lavra de Aluísio Azevedo, sob o pseudônimo de Victor Leal.”(DIÁRIO DA MANHÃ, 1891, p. 2). Destaco a respeito desta nota, o interesse do jornal mineiro e de seus leitores pela verdadeira autoria de *A Mortalha*, o que sinaliza que a obra era lida em todo o território nacional, não apenas na capital Rio de Janeiro, onde o jornal *Gazeta de Notícias* era editado. Outra observação importante no que concerne a nota é o aposto utilizado para definir o romance: “que tem feito tanto sucesso”, que reforça nossa hipótese do alcance popular deste folhetim de Azevedo.

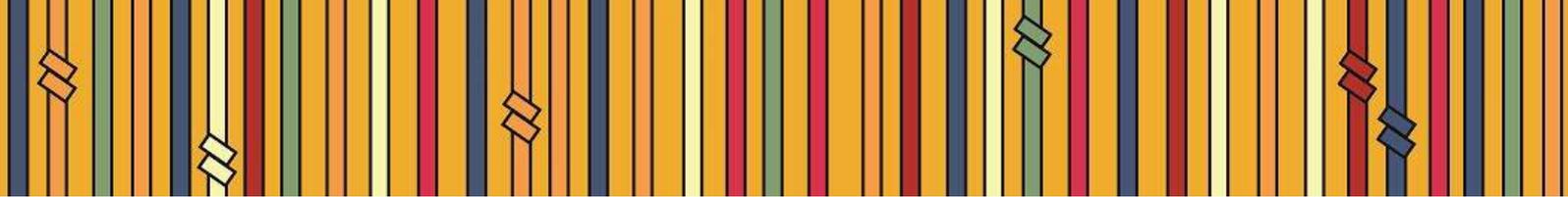
Neste mesmo dia no jornal *O Brasil*, uma outra nota cita a revelação de Marasquino a respeito de Aluísio ser o verdadeiro autor de *A Mortalha de Alzira*. O autor da nota se espanta com a revelação de que Aluísio Azevedo agora seria romântico.

Marasquino descobriu que Victor Leal, o romancista da *Mortalha de Alzira*, é o Aluísio Azevedo da *Casa de Pensão*.

O Sr. Aluísio romântico! Se pega a moda, brevemente aparecerá o Sr. Camarate a fabricar poemas épicos. (O BRASIL, 1891, p. 1)

Camarate se refere ao cronista Alfredo Camarate, português, residente no Brasil, que colaborava com vários jornais brasileiros da segunda metade do século XIX. Entende-se pelo tom jocoso da nota o porquê Aluísio ter usado um pseudônimo para publicar este romance na *Gazeta*.

Embora o próprio escritor só tenha confirmado a autoria da *Mortalha de Alzira* no prefácio da primeira edição em livro, em 1893, avento a hipótese de que Valentim Magalhães não tenha feito esta revelação no meio da publicação do folhetim por conta própria. Valentim e Aluísio eram amigos, companheiros na batalha pelo reconhecimento da literatura nacional. Acredito que Azevedo, como ele mesmo demonstra no prefácio da



edição em volume, tenha ficado muito incomodado com a súbita e inesperada fama de *A Mortalha de Alzira* e conseqüentemente de seu autor: Victor Leal. Enxergou neste sucesso, um perigo para sua escola naturalista e para seu próprio protagonismo dentro do campo literário brasileiro do século XIX. A revelação empreendida por Valentim Magalhães visava destruir a aura de Victor Leal e, conseqüentemente, demolir suas convicções literárias. Aluísio tentava matar o monstro que ele mesmo criara. O trecho que citaremos abaixo, selecionado do prefácio de 1893, corrobora esta suposição:

O romance, como ela esperava, produziu bom efeito sobre os seus ardentes leitores de rodapé, foi lido com avidez; por outro lado, os meus bons inimigos e os meus maus amigos imaginaram que eu tinha afinal encontrado pela frente um formidável adversário, que me levava de vencida, pondo em debandada, com os seus golpes de imaginação, a mim e a toda a minha quitanda naturalista.

E eu estava a ponto de fazer como o espanhol da anedota: estive quase a ter medo de mim mesmo, quero dizer de Victor Leal.

A mistificação seria completa se Valentim Magalhães não me denunciasse como autor da *Mortalha de Alzira* num seu artigo literário publicado no *Paiz*. (AZEVEDO, 1893, p. XV)

A notoriedade de *Alzira* era tamanha que o jornal *Novidades* publica uma charada a respeito do romance em 9 de março e sua resposta no dia 14 do mesmo mês. Em duas edições da *Revista Ilustrada*, de 1891, encontramos dois comentários a respeito de *A Mortalha de Alzira*, um deles feito por Blondin, em que tece duras críticas a respeito do romance e do jornal em que este foi publicado, duvidando de sua suposta qualidade literária.

A *Gazeta de Notícias* que faz alarde de boa literatura pregou uma peça estopante aos seus leitores com a tal *Mortalha de Alzira*, uma coisa batizada como romance e que não passa de um acervo de frases sem estilo e sem arte, recheada de anacronismos, pesadas, chatas e frias. (BLONDIN, 1891, p. 6)

Na edição seguinte, surge outra nota, desta vez bem curta, a respeito da *Mortalha de Alzira*, insinuando que o romance seria de um outro autor e não de Victor Leal. Deste modo, concluímos que a edição anterior da *Revista Ilustrada*, em que aparecem duras críticas ao romance seja de antes da revelação de Valentim Magalhães e que esta seja imediatamente posterior.

As últimas referências à *Mortalha* e as primeiras após o término de sua publicação em folhetim, vêm de uma mesma revista: o *Club Curitibano*. No dia 15 de junho de 1891, publica-se, com uma pequena introdução, o texto-manifesto de Victor Leal,

veiculado pela *Gazeta* em 11 de fevereiro de 1891, dois dias antes da aparição do primeiro capítulo de *Alzira*.

Na divulgação do texto de Victor Leal pela revista curitibana, o autor é caracterizado como “notável literato” e o romance recebe o adjetivo de fantasioso. O jornalista define o texto como: “uma defesa solene e entusiástica da bandeira do romantismo. (CLUB CURITIBANO, 1891, p.4)

Um mês depois da reprodução do texto de Victor Leal, no dia 15 de julho de 1891, na seção filosófica, o Senhor Eliseu Montarroyos faz toda uma discussão sobre a função da arte e da literatura a partir de um diálogo com o texto de Victor Leal. Tal reflexão preencheu duas páginas da revista.

Infelizmente, as limitações de tempo e espaço deste artigo não me permitem avançar em todo o material encontrado a respeito da recepção de *A Mortalha de Alzira*. Por esta razão, concentramos nosso estudo primeiramente na elaboração da imagem de Victor Leal pelos quatro escritores que deste pseudônimo se utilizaram, depois na primeira recepção de seu romance de estreia *O Esqueleto*, igualmente na investigação do alcance do jornal *Gazeta de Notícias*, no qual três dos quatro romances de Victor Leal foram publicados e, por fim, na primeira recepção de *A Mortalha de Alzira* no ano de sua publicação em folhetim, ou seja, em 1891. Os resultados obtidos analisados em conjunto com o prefácio de Aluísio Azevedo à primeira edição em livro do romance, nos permitiram verificar e confirmar o estrondoso sucesso de *Alzira* e de seu escritor Victor Leal, trazendo um novo fôlego aos ideais literários românticos, que, segundo a hipótese trabalhada, Aluísio teria tentado sufocar com a revelação por parte de Valentim Magalhães da genuína autoria da narrativa. Da mesma forma, começamos a investigar as relações e a interdependência entre o campo literário e o campo jornalístico na segunda metade do século XIX através dos casos exemplares da criação do pseudônimo de Victor Leal, do sucesso da publicação da *Mortalha de Alzira* e do palpável incômodo expressado por Aluísio pela fama de seu “filho bastardo” (AZEVEDO, 1893, p. X).

Referências bibliográficas

ASPERTI, Clara Miguel. A vida carioca nos jornais: Gazeta de Notícias e a defesa da crônica. In: *Contemporânea*. Número 7. 2006.2.

AZEVEDO, Aluísio. *A Mortalha de Alzira*. Rio de Janeiro: Fauchon & Cie, 1893.

BILAC, Olavo. Crônica Livre. In: *Gazeta de Notícias*, 17 de outubro de 1893.

BLONDIN. Nota. In: *A Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro: Número 614, ano 16, 1891.

CARICATURA DE VICTOR LEAL. In: *Gazeta de Notícias*, 15 de março de 1890.

FERREIRA JÚNIOR, José. *Aluísio Azevedo e crítica literária em folhetim*. In: acessado em 13 de julho de 2017.

LEAL, Victor. A Mortalha de Alzira (Romance Histórico). In: *Gazeta de Notícias*, 11 de fevereiro de 1891.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARASQUINO. Salada de Frutas. In: *O Paiz*. Rio de Janeiro: 07 de março de 1891.

MORTALHA DE ALZIRA (ROMANCE HISTÓRICO). In: *Club Curitibano*. Curitiba: 15 de junho de 1891.

NOTA. In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro: 9 de abril de 1890.

NOTA. In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro: 2 de agosto de 1875.

NOTA. In: *Novidades*. Rio de Janeiro: 14 de fevereiro de 1891.

NOTA. In: *novidades*. Rio de Janeiro: 2 de março de 1891.

NOTA. In: *O Brasil*. Rio de Janeiro: 14 de fevereiro de 1891.

NOTA. In: *O Brasil*. Rio de Janeiro: 8 de março de 1891.

NOTA. In: *Diário de Minas*. Juiz de Fora: 8 de março de 1891.